

Darwinismo, raça e gênero



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

UNICAMP ANO 50

Comissão Editorial

ITALA M. LOFFREDO D'OTTAVIANO

EDUARDO GUIMARÃES

Karoline Carula

Darwinismo, raça e gênero

PROJETOS MODERNIZADORES DA NAÇÃO
EM CONFERÊNCIAS E CURSOS PÚBLICOS
(RIO DE JANEIRO, 1870-1889)

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283

C25d Carula, Karoline.

Darwinismo, raça e gênero: projetos modernizadores da nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870-1889) / Karoline Carula. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

1. Darwin, Charles Robert, 1809-1882. 2. Seleção natural. 3. Relações de gênero. 4. Relações raciais. 5. Imprensa – Brasil - Séc. XIX. I. Título.

CDD - 575.0162
- 331.483
- 320.56
- 079.81

ISBN 978-85-268-1340-3

Índices para catálogo sistemático:

1. Darwin, Charles Robert, 1809-1882	575.0162
2. Seleção natural	575.0162
3. Relações de gênero	331.483
4. Relações raciais	320.56
5. Imprensa – Brasil - Séc. XIX	079.81

Copyright © by Karoline Carula
Copyright © 2016 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Aos meus queridos pais,
Rogerio Carula (*in memoriam*) e
Alaide Campolina Carula.

Ao meu grande amor, Jonis Freire.
E a minha amada filha, Sofia.

Agradecimentos

Este livro é uma versão revisada de minha tese de doutorado, intitulada *Darwinismo, raça e gênero: Conferências e cursos públicos no Rio de Janeiro (1870-1889)*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, em 2012.

Agradeço a Maria Helena Pereira Toledo Machado. Sua orientação sempre segura e dedicada, seu incentivo constante, bem como seu carinho, já seriam motivos suficientes para imensos agradecimentos. Entretanto, deixo registrada minha gratidão por ter me ensinado muito sobre o ofício de historiador. Levarei seus ensinamentos sempre comigo. Além, sobretudo, da maravilhosa amizade.

Aos membros da banca, Olivia Maria Gomes da Cunha, Luzia Margareth Rago, Regina Cândida Ellero Gualtieri e Nelson Schapochnik, sou grata pelas leituras atentas e as preciosas sugestões, muitas das quais foram incorporadas.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa de doutorado e à Red de Macro Universidades de América Latina y el Caribe e ao Banco Santander pela bolsa para realizar estágio doutoral no exterior. Na Universidade Autónoma do México, contei com a orientação de Ismael Ledesma Mateos, a quem manifesto minha gratidão: suas indicações, e conversas sempre alegres e descontraídas, foram de muita valia.

Em todos os arquivos nos quais pesquisei fui muito bem recebida e auxiliada. Agradeço, assim, a todos os funcionários que cruzaram

meu caminho. As discussões realizadas no “Grupo de Estudos e Pesquisas, Intelectuais, Sociedade e Política – GEPISP” foram muito importantes para a reflexão de alguns temas trabalhados. Sou grata a todos os membros do grupo.

Já diz o ditado, “quem tem amigos, tem tudo”. Sempre correndo o risco do esquecimento, agradeço o carinho e incentivo de: Glaydson José da Silva, Adilton Luís Martins, Karen Fernanda Rodrigues de Souza, Paula Christina Bin Nomelini, Paulo Miceli, Guilherme Pinheiro Pozzer, Luciana da Cruz Brito, Marcela Miwa, Maísa da Cunha Faleiros, Otávio, Mairon Escorsi Valério, Renilson Rosa Ribeiro, Nathália da Costa Amedi, Ana Helena Cobra Fernandes, Joca, Luiza Tombini Wittmann, Marcelo Téó, Edilson Binote, Roberta Renata, William Pereira, Márcia Sueli Amantino, Rogério da Silva Lopes, Jorge Prata de Sousa, Aurora, Carlos Engemann, Andrea Reis Bernardes Engemann, Érica Sarmiento da Silva, Marieta Pinheiro de Carvalho, André Luiz Carvalho, Angélica Müller, Nicolas Bouziot, Marly de Almeida Gomes Vianna, Ramon, Francisco José Calazans Falcon, Mary Del Priore, Alessandra Frota Martinez de Schueler, Luiz Fernando Saraiva, Rita Almico, Magali Gouveia Engel, Maria Leticia Corrêa, Débora El-Jaick Andrade, Ricardo Augusto dos Santos, Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro, Avelino Romero Simões Pereira, Maria Emilia Prado, Celia Maria dos Santos e Maria do Carmo Pereira dos Santos. Cada um de vocês, à sua maneira, contribuiu muito.

Não podia faltar a “Diretoria”: Jonis Freire, Marcelo Mac Cord, Carlos Eduardo Moreira de Araújo e Robério Santos Souza. A vocês, que acompanharam este trabalho desde o começo, sempre compartilhando as alegrias e angústias, escutando os problemas, dando força, apoio e incentivo, o meu muito obrigada!

À querida Juliana Gesuelli Meirelles, agradeço a maravilhosa amizade. Seu carinho e apoio nos momentos difíceis, da pesquisa e fora dela, foram importantíssimos! Sou muito agradecida, também, por suas preciosas dicas e leituras.

Agradeço, de coração, aos meus familiares que compartilharam mais este trabalho acadêmico. Cintia Campolina de Onofre, Cesar Rafaelli Munhoz, Tales Onofre Munhoz, Hamilton Campolina e Sonia Binotti Campolina muito obrigada pelo apoio de sempre. Minha irmã Aline Carula, meus sobrinhos Ivan Carula Amaral e Geovane Carula Fontes, e Fabrício Fontes contribuíram para dar alegria nesta caminhada. O carinho de minha outra família também foi muito importante: obrigada, Sebastiana Francisca, Dalila Freire e Flaviana Freire.

À minha mãe, Alaide Campolina Carula, sou sempre grata: seu amor, força, carinho, dedicação e apoio foram fundamentais. Meu pai, Rogerio Carula, infelizmente não pôde ver este trabalho concluído, mas deixo aqui registrado meu eterno agradecimento, carinho e amor.

Mais um trabalho que concluo, mais uma vez devo meus profundos e sinceros agradecimentos a Jonis Freire. Você sempre esteve ao meu lado dando apoio pleno, como marido e como historiador, nos momentos bons e ruins da pesquisa e da vida. Suas dicas e leituras, seu amor, amizade, paciência, compreensão, carinho e incentivo foram primordiais em mais esta caminhada. A você, todo agradecimento é pouco! Mas, sobretudo, sou imensamente grata pelo maior presente de todos... nossa pequena Sofia!

Sumário

<i>Prefácio</i>	13
<i>Introdução</i>	19
I – <i>Espaços de ciência na capital imperial</i>	27
Dinâmica dos cursos e conferências.....	27
Temáticas dos cursos e conferências	38
Sociabilidades.....	55
Ciência para civilizar.....	64
Vulgarização da ciência.....	80
II – <i>Concepções sobre o darwinismo</i>	93
O darwinismo nas conferências	93
Feliciano Pinheiro de Bittencourt e a luta contra o darwinismo.....	101
Miranda Azevedo e as aplicações do darwinismo	119
O darwinismo no Museu Nacional.....	129
III – <i>A raça em foco</i>	155
Concepções sobre raça	155
Os índios nas conferências.....	172
Os “esquecidos” negros	199
A imigração e os <i>chins</i>	208

IV – Conferências... Um espaço de e para mulheres.....	231
As mulheres nas conferências.....	231
Carlos Costa e <i>A Mãe de Família</i>	238
Mães desnaturadas	257
Aleitamento materno e escravidão.....	276
<i>Considerações finais</i>	305
<i>Fontes</i>	309
<i>Bibliografia</i>	315
Anexo 1 – <i>Dados biográficos profissionais dos conferencistas até 1889</i>	329
Anexo 2 – <i>Oradores que se apresentaram nas Conferências Populares da Glória entre 1873 e 1889</i>	337
Anexo 3 – <i>Conferências Populares da Glória que abordaram assuntos relativos à ciência</i>	347
Anexo 4 – <i>Conferências Avulsas que abordaram assuntos relativos à ciência</i>	363

Prefácio

Inspirado em uma história social das ideias comprometida em deslindar o caráter multifacetado de construção e circulação dos saberes, investindo em um campo pouco explorado em nossa historiografia – o da história social da vulgarização da ciência – e amparado por uma ampla e minuciosa pesquisa documental, *Darwinismo, raça e gênero: Projetos modernizadores da nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870-1889)* se apresenta como um livro muito original e cativante.

Ao focar o período conhecido como o da modernização das ideias – que engloba as gerações de intelectuais das décadas de 1870 e 1880, gestadas na corte ao redor do estrato burocratizado do Segundo Império, as quais produziram uma nova visão do país e da nação que procurava se desvincular dos males da escravidão, em direção a um progresso reformador, porém marcado pelo conservadorismo social –, Karoline Carula abre novas janelas para repensarmos os debates então em voga.

Este livro, ao voltar a atenção para as conferências e os cursos públicos organizados no Rio de Janeiro do período, sobretudo para as Conferências Populares da Glória, os cursos públicos oferecidos pelo Museu Nacional e as iniciativas avulsas, oferece uma reinterpretação do processo ideológico modernizador da geração de 1870. Procura também analisar as principais características ligadas à modernização da sociedade brasileira dos finais do Império, observando

especialmente a maneira como elas foram divulgadas por meio de conferências e cursos. Ao fazê-lo, a autora sublinha que, embora tais ideias fossem apresentadas como fatos neutros da ciência, na verdade, estas vinham atravessadas por questões ideológicas e propunham soluções sociais conservadoras.

Mostrando estar a par de ampla bibliografia a respeito da divulgação da ciência nos ambientes letrados e das ascendentes camadas médias, a qual se popularizou na Europa continental, nos Estados Unidos e, em menor amplitude, mas com igual importância, na América Latina, *Darwinismo, raça e gênero* não se compromete com uma abordagem unívoca ou monocromática. Pelo contrário, esta obra expõe de maneira crítica e complexa os processos de difusão e recepção das ciências, deixando de lado modelos interpretativos baseados na ideia de repetição passiva. Karoline Carula, ao tomar de frente o desafio de ordenar os assuntos debatidos em tais conferências e cursos públicos em grupos temáticos que refletem as grandes questões sociais daquele momento, demonstra que a ciência, sua interpretação doutra ou leiga e sua circulação social precisam ser consideradas não como fatos acessórios e prosaicos na difusão de uma verdade que paira acima da sociedade. Pelo contrário, a análise aqui tentada tem como objetivo reconstituir como a sociedade aristocrática e escravista do Rio de Janeiro, legendariamente pouco afeita às letras, abraçou as conferências e os cursos de difusão científica como espaço privilegiado de ressignificação das classes senhoriais perante a abolição da escravidão e o advento de uma sociedade pós-escravista.

De fato, em seu primeiro capítulo, este livro mostra como as iniciativas de vulgarização científica, ditas populares, conformavam espaços de privilegiamento social e acumulação de capitais simbólicos das elites, ligados a ideias de renovação modernizadora, que o fim da escravidão iria engendrar, processo esse que, aparentemente, se consubstanciaria na constituição de um espaço público liberal e neutro. No entanto, Karoline, muito acertadamente, questiona esse axioma, mostrando como as conferências e os cursos de popularização

da ciência, notadamente aqueles veiculados como voltados para a erradicação, pela educação, da barbárie de uma sociedade escravista, encontrava seus interlocutores em outros homens letrados – e, em parcela minoritária, porém significativa, de mulheres das elites. Assim, embora publicamente interessados em educar os pobres e as “raças inferiores”, o que promoveria a construção de uma classe trabalhadora subalterna disciplinada por uma vida sã, morigerada e trabalhadora, tais conferências e cursos não recebiam em suas plateias os brutos que pretendiam civilizar – isto é, negros, indígenas, mestiços, homens sem propriedade e mulheres sem família.

Na verdade, esses cursos e conferências, frequentados pelas mais altas elites do Império, contando muitas vezes inclusive com a graciosa presença do próprio dom Pedro II, caracterizavam-se como um espaço social em que homens letrados declinavam suas pedagogias autoritário-conservadoras para outros homens letrados e elitizados. Tratava-se, portanto, de espaços sociais de pertencimento, no qual, simbolicamente, era gerada a sociedade de exclusão que adviria na pós-emancipação.

Com vistas a atingir esses objetivos, a análise de Karoline Carula, como já mencionei, buscou organizar os assuntos presentes nessas iniciativas de vulgarização da ciência em feixes temáticos de significação social. São eles, em primeiro lugar, a discussão do darwinismo, na qual se realiza a questão racial, construída em torno da problematização da difusão de um vocabulário científico/*cientificizante* de alto valor social na explicação da inferioridade racial. Em segundo lugar, encontra-se a abordagem do gênero, consubstanciada na formulação de uma ampla explicação social de fundo sanitarista, a respeito do papel da mãe na família burguesa, da necessidade de amamentação de seus filhos e na urgente e necessária exclusão da mulher negra, escrava, liberta ou livre, do espaço da família modernizada. Finalmente, em terceiro lugar, está a discussão da raça ligada diretamente ao trabalho, conectada às opções da elite científica e dos fazendeiros a respeito do trabalho pós-abolição, voltando-se

especialmente para a abordagem de projetos acerca do papel do elemento nacional e dos imigrantes no mercado de trabalho.

Ao discutir, por exemplo, a questão do trabalho livre em uma sociedade pós-emancipação, Karoline não se restringe ao que diziam os principais preletores que abordaram o tema, como o médico Nicolau Moreira, que se notabilizou pela sua aferrada campanha contra a imigração chinesa para o Brasil. Para entender o contexto em que se enredava a possível vinda dos *chins* ao Brasil como trabalhadores braçais das lavouras dos anos finais da escravidão, *Darwinismo, raça e gênero* considera uma ampla literatura a respeito do debate sobre o trabalho de nacionais, imigrantes europeus, asiáticos e/ou africanos em regime de trabalho livre. Ao assim fazer, a discussão aqui apresentada reinterpreta a oposição do médico avesso aos *chins* como parte de um amplo esforço para definição dos melhores trabalhadores, do qual participavam diferentes opiniões, de autoridades, políticos, fazendeiros, agentes de imigração vinculados ou não ao Estado e, finalmente, de médicos e cientistas, que lutavam para obter ao menos a primazia ideológica nesses debates.

Igualmente, para construir o Capítulo IV, a autora realizou uma ampla e minuciosa análise de fontes literárias, discursos médicos e anúncios de jornal, reconstruindo, de maneira indireta, a fala dos preletores ausentes nas fontes. Dentre essas fontes, Karoline privilegiou a leitura do jornal *A Mãe de Família*, no qual, com toda certeza, o médico Carlos Costa – seu editor e um dos principais colaboradores – repetia os argumentos apresentados em suas numerosas preleções públicas. Sua análise mostra que o médico preletor tinha como assunto principal aquilo que se convencionou denominar “maternidade científica”, o qual se escorava no discurso a respeito da necessidade de amamentação natural, puericultura e cuidados maternos de uma mulher/mãe totalmente dedicada ao lar. Como bem nota a autora, o confinamento da mãe no espaço privado da casa aparecia como o outro lado da moeda da expulsão da mulher negra do lar aburguesado. Nesse sentido, o Capítulo IV apresenta uma análise aprofundada e questionadora dos princípios ideológicos da

abordagem sanitaria e de seus significados sociais. Ainda aqui, a autora termina sua abordagem com mais uma de suas perguntas desafiadoras: Qual seria a real participação das mulheres/mães, alvos desse discurso sanitário altamente restritivo à autonomia feminina, nas plateias desses cursos? Pergunta difícil de ser respondida, porém, tudo leva a crer que o público-alvo principal desse discurso era, na verdade, o homem letrado/marido da mulher aburguesada e idealizada como anjo do lar.

Mais uma vez, como mostra *Darwinismo, raça e gênero*, contra as aparências mais fáceis, os cursos e as conferências populares eram, mais do que tudo, oportunidades de referência social dos iguais, agora sob a roupagem da educação e da vulgarização de um vocabulário da ciência. O Brasil pós-emancipação que aqui era concebido já se mostrava conservador e elitista, características que as décadas pós-emancipação apenas comprovaram.

Maria Helena Pereira Toledo Machado

Introdução

Uma das enfermidades que aqui encontrei, revelada muitas vezes por verdadeiros espasmos, é a CONFERENCIOMANIA. De repente há uma convulsão epileptiforme, os diários escrevem verdadeiras loas, entoam hinos, gritam hosana, os músicos forasteiros esperam ser chamados para robustecer o aplauso, pagando-lhes já se vê, e um *conferencista* aparece.¹

O folhetim intitulado “Cartas egípcias”, publicado pela *Gazeta de Notícias* em 1878, cuja autoria era atribuída a Amenophis-Effendi, pseudônimo do médico Ataliba Gomensoro,² em tom sarcástico, criticava a proliferação de conferências públicas pela cidade do Rio de Janeiro. De fato, a irônica observação do autor não era descabida, pois, um ano antes, em um único domingo foram realizadas cinco preleções em horários próximos, entre as 11 e 12 horas.³ Isso indica que tais conferências haviam caído no gosto de uma parcela da população, nomeadamente, a camada letrada, que comparecia para adquirir conhecimentos em determinados assuntos, mostrar para o resto da sociedade que estava em sintonia com as novidades tecnológicas e científicas, e também por considerar aqueles eventos como um tipo de entretenimento.

As preleções na capital imperial ocorreram de maneira mais sistemática e em maior quantidade nas décadas de 1870 e 1880. Os

¹ *Gazeta de Notícias*, 17/5/1878. Grifos do original. A grafia das fontes primárias foi atualizada, mas não foram feitas alterações com base na gramática ou na pontuação atual. Apenas os títulos dos periódicos, livros e outras obras foram mantidos no original.

² As “Cartas egípcias” apresentavam as impressões de um suposto egípcio em viagem ao Brasil.

³ *Diário do Rio de Janeiro*, 15/7/1877.

eventos eram espaços de sociabilidade letrada e contavam, muitas vezes, com a presença do Imperador na plateia.

A temática abordada pelos oradores era vasta. Política, ciência, cultura e economia estavam no rol dos assuntos desenvolvidos nas explanações. Centrei minha análise nas apresentações que trataram de assuntos relativos às ciências. No período, havia a concepção de que a difusão do conhecimento científico para um público leigo colaboraria para o progresso do Brasil, tornando-se uma via para alcançar a almejada civilização nos moldes europeus. Dessa forma, o oferecimento de preleções públicas sobre ciência seria uma maneira de contribuir para o progresso nacional. Mesmo quando o foco principal, e explícito, da apresentação não era a ciência, muitas vezes os preletores primavam pela *cientificização* dos argumentos e da linguagem.

As conferências públicas eram um tipo de evento considerado moderno, por serem semelhantes às realizadas na Europa e nos Estados Unidos. Além disso, elas tratavam de temas julgados importantes dentro de projetos mais amplos de modernização da nação. Tais projetos refletiam a ânsia pela modernidade que marcou o século XIX.⁴ A modernização no Oitocentos esteve muito vinculada à dinâmica da cidade, *locus* da modernidade por excelência.⁵ No universo urbano, a apreciada novidade irrompia e difundia-se. Nesse sentido, as conferências constituíram-se como espaços privilegiados para a exposição pública de novas ideias científicas, reflexões acerca dos locais sociais nos quais as pessoas deveriam estar inseridas segundo critérios raciais, propostas para condutas de comportamento etc.

⁴ Consoante Marshall Berman (1986, p. 16), “Ao mesmo tempo, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro. É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a ideia de modernismo e modernização”.

⁵ Walter Benjamin analisa o impacto da modernidade na vida da Paris do século XIX presente na obra de Charles Baudelaire (1821-1867). Benjamin (1989) salienta os paradoxos oriundos da modernidade, que, ao mesmo tempo em que era demasiadamente valorizada, com suas inovações que satisfaziam o anseio pelo novo, provocava a melancolia naqueles que a vivenciavam.